



DO EVENTO AO PARADIGMA: A TEOLOGIA DO DESERTO NO SALMO 95

Ricardo Cesar Toniolo¹

RESUMO: Este artigo investiga a releitura teológica dos eventos do deserto no Salmo 95, com especial atenção aos episódios de Massá e Meribá (Êx 17) e à crise de incredulidade narrada em Números 13-14. Parte-se do pressuposto de que tais eventos não constituem falhas isoladas na história de Israel, mas configuram um padrão recorrente de desobediência, que se consolida progressivamente no Pentateuco como paradigma de advertência. A análise demonstra que esse padrão já é empregado de modo exortativo em Deuteronômio, especialmente por meio da categoria do “hoje”, que atualiza a experiência de rebeldia no deserto como advertência para a nova geração. Nesse horizonte canônico, o Salmo 95 assume papel singular ao incorporar a memória do deserto em um texto poético e litúrgico. Por meio de sua estrutura, que articula louvor e exortação, o salmo reorganiza os eventos históricos com finalidade pedagógica, deslocando-os do passado narrativo para o presente da comunidade cultural. O “hoje” emerge, assim, como categoria hermenêutica central, transformando a liturgia em espaço de decisão e confrontando cada geração com a possibilidade real de repetir ou romper com o padrão de desobediência do deserto. Argumenta-se, portanto, que o Salmo 95 não apenas recorda o passado, mas o converte em advertência permanente. O deserto passa a funcionar como paradigma teológico duradouro, no qual a escuta obediente da voz de Deus se apresenta como condição indispensável para a participação em suas promessas. Essa releitura evidencia a função formativa da memória no Antigo Testamento e contribui para uma compreensão integrada da teologia do deserto no cânon hebraico.

¹ Doutor e mestre em Letras (Bíblia como literatura) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), mestre em teologia (Antigo Testamento) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e pela UPM. Professor do EaD do CPAJ e da Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef). Contato: rctoniolo@hotmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Salmo 95; deserto; memória; advertência; obediência.

INTRODUÇÃO

A memória do deserto ocupa lugar central na tradição bíblica como espaço ambíguo de revelação e resistência. Se, por um lado, o deserto é o cenário da provisão divina e da constituição do povo, por outro, torna-se também o lugar paradigmático da murmuração, da incredulidade e da recusa em confiar na palavra de Deus. Essa ambivalência explica por que episódios específicos desse período são continuamente retomados e reinterpretados ao longo do Antigo Testamento como advertências teológicas dirigidas a novas gerações.

Entre esses episódios, destacam-se o relato de Massá e Meribá em Êxodo 17.1-7 e a narrativa da incredulidade diante da terra prometida em Números 13-14. Ambos apresentam padrões narrativos semelhantes: contestação da liderança, questionamento da presença divina e rejeição prática da promessa. Esses relatos do passado funcionam como tradições formativas que moldam a autoconsciência teológica de Israel.

Essa dinâmica de releitura interna torna-se particularmente evidente no Salmo 95, que retoma explicitamente Massá e Meribá e os reinsere em um contexto litúrgico e exortativo. O salmo não se limita a recordar eventos do êxodo, mas os reorganiza teologicamente, transformando eventos históricos específicos em um paradigma de advertência duradouro. A advertência final do salmo, introduzida pela categoria temporal do “hoje”, desloca a memória do passado para o presente da comunidade cultual, convertendo a história em apelo existencial.

Diversos estudos têm reconhecido que os Salmos exercem função interpretativa dentro do cânon, atuando como espaço de releitura teológica das tradições narrativas anteriores.² No caso do Salmo 95, essa função assume contornos particularmente claros, pois a memória do deserto é explicitamente mobilizada como advertência contra a dureza do coração e a recusa em ouvir a voz de Deus.

Partindo dessa constatação, o presente artigo investiga de que modo o Salmo 95 relê e reorganiza teologicamente os episódios de Êxodo 17.1-7 e Números 13-14, consolidando-os como um paradigma de advertência no interior do Antigo Testamento. A hipótese defendida é que o salmo realiza uma releitura intencional dessas tradições, na qual o deserto deixa de ser apenas um espaço histórico e passa a funcionar como símbolo permanente da resistência humana à palavra divina.

² p. Êx.: ALTER, Robert. *The Art of Biblical Poetry*. Revised and Updated Edition. New York: Basic Books, 2011, p. 139-144; 149-153; TUCKER JR., W. Dennis. *Psalm 95: Text, Context, and Intertext*. *Bíblica*, v. 81, n. 4, 2000, p. 533; PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 480-481.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem literária e canônica, compreendendo o Salmo 95 como parte de um processo interpretativo interno ao Antigo Testamento, no qual tradições anteriores são retomadas, condensadas e atualizadas em novos contextos. Antes de prosseguir, convém esclarecer o uso dos termos “desobediência” e “advertência” neste estudo. A desobediência refere-se ao conteúdo histórico dos episódios do deserto, isto é, às atitudes concretas de incredulidade e resistência à palavra de Deus manifestadas em Êxodo 17 e Números 13-14. A advertência, por sua vez, designa a função teológica que esses mesmos eventos assumem quando são retomados e reinterpretados em contextos posteriores, especialmente em chave exortativa. Assim, o artigo emprega a expressão “paradigma de desobediência” para descrever o padrão narrativo-histórico e “paradigma de advertência” para indicar o uso canônico e pedagógico desse padrão, sem que haja contradição entre os termos.

O artigo está organizado em três momentos. Inicialmente, analisa-se a formação do paradigma de desobediência em Êxodo e Números e o modo como ele já é utilizado com função exortativa no próprio Pentateuco. Em seguida, examina-se o Salmo 95 como releitura teológica desses episódios. Por fim, apresentam-se considerações sintéticas acerca do alcance dessa releitura no cânon veterotestamentário. Embora a pesquisa reconheça que o Salmo 95 será posteriormente retomado no Novo Testamento, especialmente na Carta aos Hebreus, essa recepção não constitui o objeto deste estudo, mas delimita um horizonte canônico a ser explorado em investigação subsequente.

1. O PARADIGMA DE DESOBEDIÊNCIA NO DESERTO

Os relatos do deserto no Pentateuco não devem ser lidos apenas como registros episódicos das dificuldades enfrentadas por Israel após a saída do Egito, mas como narrativas teologicamente orientadas, nas quais se delineia um padrão recorrente de comportamento diante da palavra e da promessa de Deus. Ao longo desse período, a incredulidade manifesta-se de forma progressiva e reiterada, até assumir contornos paradigmáticos, isto é, tornando-se um modelo interpretativo capaz de explicar e advertir gerações posteriores. Nesse sentido, o deserto configura-se como o espaço em que a tensão entre fé e desobediência se expõe de modo exemplar. As seções seguintes examinam esse processo a partir de dois momentos decisivos: Êxodo 17.1-7, que estabelece os elementos fundamentais do paradigma, e Números 13-14, em que esse padrão é intensificado e consolidado por meio da rejeição explícita da promessa e do consequente juízo divino. A análise tem início com o episódio de Refidim, no qual a incredulidade se manifesta de forma inaugural e paradigmática.

1.1 ÊXODO 17.1-7: FORMAÇÃO DO PARADIGMA DE DESOBEDIÊNCIA

O episódio narrado em Êxodo 17.1-7 constitui o primeiro momento em que o padrão de desobediência no deserto assume contornos claramente paradigmáticos. A chegada do povo a Refidim inaugura uma nova cena na narrativa do êxodo, marcada tanto pela mudança de local quanto pelo intervalo temporal em relação aos acontecimentos anteriores.

Conforme observa Pratt Jr., lacunas narrativas entre acontecimentos sucessivos frequentemente indicam mudanças significativas de tempo.³ A referência aos “próximos estágios” pressupõe a passagem por Dofca e Alus, conforme Números 33.12-14, antes da chegada a Refidim. A narrativa, contudo, omite esses locais intermediários, concentrando-se nos acontecimentos que ali se desenrolam.

Do ponto de vista literário, Êxodo 17.1-7 constitui uma unidade bem delimitada. Os massoretas do códice de Leningrado B19a indicam essa delimitação por meio de parágrafos abertos antes do versículo 1 e após o versículo 7.⁴ Além disso, Greidanus observa que os termos recorrentes nos versículos 1-2 e 7 formam uma inclusão que marca os limites da perícopé.⁵ Trata-se, portanto, de uma cena coesa, cuja ênfase recai sobre a murmuração do povo, manifestada especialmente nos discursos diretos.

A narrativa introduz o problema central ao informar que não havia água em Refidim (Êx 17.1). Duas informações são teologicamente relevantes nesse ponto: o deslocamento do povo ocorre “segundo o mandamento do Senhor”, e a ausência de água não decorre de desorientação geográfica. A região de Refidim era conhecida por conter oásis, o que torna a falta de água ainda mais significativa.⁶ A narrativa sugere que a escassez fazia parte da providência divina, funcionando como prova para o povo (cf. Dt 8.16; Sl 81.7).

O primeiro discurso direto explicita a natureza da reação israelita: o povo contende com Moisés exigindo água (Êx 17.2). O verbo ריב (“contender”) não descreve um simples pedido, mas uma disputa formal, com conotações jurídicas estabelecidas no Antigo Testamento.⁷ Como observam Keil e Delitzsch, essa contenda revela a convicção do povo de que a falta de água equivaleria à ausência de Deus no meio do povo, isto é, à quebra da promessa divina.⁸

³ PRATT, Richard L. *Ele nos deu histórias*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 183.

⁴ O parágrafo aberto é aquele que se inicia em uma nova linha, na BHS designado pela letra פ, sinal chamado *petuḥah* (FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia hebraica*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 166-167).

⁵ GREIDANUS, Sidney. *O pregador contemporâneo e o texto antigo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 251.

⁶ COLE, R. Alan. *Êxodo: introdução e comentário*. Mundo Cristo; Vida Nova, 1963, p. 129.

⁷ DURHAM, John I. *Exodus*. Nashville: Thomas Nelson, 1987. (Word Biblical Commentary, v. 3), p. 230; CULVER, Robert D. ריב. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (eds.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1424.

⁸ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. v. 1. Peabody: Hendrickson, 1996, p. 370.

A resposta de Moisés confirma essa leitura ao interpretar a contenda como um teste dirigido ao próprio Deus (Êx 17.2). O uso do verbo נִסָּה (“testar”) indica uma atitude reprovável, distinta das provas realizadas por Deus com o objetivo de fortalecer e amadurecer a fé do povo (Dt 8.2,16).⁹ No Pentateuco, Deus pode provar Israel, mas Israel não pode provar o seu Deus, princípio explicitado posteriormente em Deuteronômio 6.16, com referência direta a este episódio.

A murmuração atinge seu ápice nos versículos 3-6, quando o povo acusa Moisés de tê-los tirado do Egito para matá-los de sede, juntamente com seus filhos e rebanhos. Essa fala revela que o problema subjacente não é a escassez em si, mas a incredulidade persistente, apesar das manifestações anteriores do poder e da fidelidade do Senhor.¹⁰ O clamor de Moisés a Deus (Êx 17.4) expressa a gravidade da situação e a iminência de violência contra sua liderança,¹¹ e a menção do risco de apedrejamento reforça o caráter judicial da cena.¹²

A resposta divina não assume a forma de punição, mas de autocomprometimento. Deus ordena que Moisés avance com os anciãos e anuncia sua própria presença sobre a rocha em Horebe. Nesse contexto, a rocha funciona como símbolo da estabilidade e da fidelidade divina.¹³ Como observa Houtman, Deus aceita a provocação implícita na rebelião do povo e responde demonstrando, por meio da provisão de água, que não abandonara Israel.¹⁴

A conclusão da perícopé ocorre com a nomeação do lugar como Massá e Meribá (Êx 17.7). Esses nomes sintetizam o significado teológico do episódio, fixando-o na memória coletiva como exemplo negativo. A omissão de qualquer descrição da reação do povo diante do milagre reforça que o foco da narrativa não está na solução da sede, mas na falta de fé que motivou a contenda e o teste.¹⁵ A pergunta final – “Está o Senhor no meio de nós ou não?” – explicita a essência do pecado cometido e transforma o episódio em paradigma de desobediência utilizado para advertências para gerações futuras.

O evento de Refidim, assim, não constitui um desvio isolado na narrativa do deserto, mas estabelece um padrão que será retomado, ampliado e levado às últimas consequências em Números 13-14, quando a incredulidade deixa de se

⁹ COLE, R. Alan. *Êxodo*, 1963, p. 131; CONNELL, J. Ciement. In SHEDD, R. P. (Ed). *O novo comentário da Bíblia*, v. 1. São Paulo: Vida Nova, 1963, p. 134.

¹⁰ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. v. 1, p. 370; PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 69; VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1995, p. 482.

¹¹ CHILDS, Brevard S. *The book of Exodus: a critical, theological commentary*. Louisville: Westminster, 1976, p. 308.

¹² O apedrejamento aparece, em regra, como pena legal aplicada após julgamento, dentro da aliança mosaica, por exemplo (p. Êx., Dt 17.2-7; Lv 24.10-23 e Nm 15.32-36).

¹³ VAN GRONINGEN, Gerard. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, p. 216.

¹⁴ HOUTMAN, Cornelis. *Exodus*. Kampen: Kok, 1996. (Historical Commentary on the Old Testament, v. 2), p. 366.

¹⁵ HOUTMAN, Cornelis. *Exodus*, p. 359.

manifestar em uma crise pontual e passa a assumir caráter coletivo e decisivo diante da promessa da terra.

1.2 NÚMEROS 13-14: CONSOLIDAÇÃO DO PARADIGMA DE DESOBEDIÊNCIA

No episódio narrado em Números 13-14, o padrão de murmuração identificado em Êxodo 17 reaparece de forma intensificada, constituindo o ponto decisivo na construção do paradigma de desobediência no Pentateuco. Números 13.1 marca o início de uma nova cena, caracterizada pela mudança de cenário para o deserto de Parã e pela introdução de novos personagens centrais na narrativa. Além disso, o códice de Leningrado assinala o início de um novo parágrafo nesse versículo, reforçando a delimitação literária da perícopé.¹⁶ Esses capítulos situam-se aproximadamente dois anos após a saída do Egito e explicam a permanência de Israel por mais trinta e oito anos no deserto, preparando o leitor para o restante da narrativa: a morte daquela geração sem a conquista da terra prometida.

Do ponto de vista estrutural, Números 13-14 desenvolve-se em quatro cenas principais, organizadas de modo a intensificar progressivamente o conflito. Olson observa corretamente que esses capítulos funcionam como um pivô no livro, separando o destino da geração do êxodo do surgimento da nova geração e conferindo unidade e sentido à trama como um todo.¹⁷ O que está em jogo não é apenas a posse da terra, mas a disposição do povo em confiar na promessa do Senhor.

A primeira cena (13.1-20) apresenta as orientações para a exploração da terra. A ordem divina para enviar espias, possivelmente em resposta a uma petição anterior do povo (cf. Dt 1.22-23), funciona como a última grande prova de fé antes do juízo definitivo. Nesse discurso inicial, a ênfase recai tanto sobre a representatividade dos espias quanto sobre a qualidade da terra. Como destaca Budd, a inspeção da terra é adequada nesse ponto da narrativa, pois o foco do livro passa a concentrar-se na vida em Canaã.¹⁸ A mudança do nome de Oséias (יְהוֹשֻׁעַ: ‘salvação’) para Josué (יְהוֹשֻׁעַ: ‘YHWH é salvação’)¹⁹ não é meramente nominal, mas vincula explicitamente o personagem à ação salvadora do Senhor, preparando o leitor para o contraste narrativo entre a confiança individual na promessa divina e a incredulidade coletiva que se desenvolverá nas cenas seguintes.

¹⁶ A divisão de parágrafo indicada no Códice de Leningrado é preservada na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, onde o versículo é marcado com uma *petuḥah* (פ), sinalizando o início de uma nova unidade textual. Cf. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, ed. K. Elliger; W. Rudolph, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.

¹⁷ OLSON, Denis T. *The death of the old and the birth of the new: the framework of the book of numbers and the Pentateuch*. Chico: Scholars Press, 1985, p. 138-144.

¹⁸ BUDD, Philip J. *Numbers*. Waco: Word Books, 1984. (Word Biblical Commentary, v. 5), p. 146.

¹⁹ Embora os nomes “Oseias” e “Josué” sejam muito diferentes em português, em Hebraico ocorre apenas o acréscimo de uma letra como abreviação do nome de Yahweh no início.

A segunda cena (13.21-24) descreve brevemente a exploração da terra. O ritmo acelerado da narrativa indica que o foco não está na atividade dos espias em si, mas na transição entre a ordem recebida e o relatório que será apresentado. O destaque dado ao vale de Escol, símbolo da fertilidade da terra, reforça a veracidade da promessa divina, enquanto prepara o contraste com a leitura pessimista que será feita posteriormente.

A terceira cena (13.25-14.9) concentra o núcleo do conflito. O relatório dos espias apresenta claramente os dois polos da decisão: a terra é boa e produtiva, mas os povos que nela habitam são descritos como fortes e ameaçadores. A partícula adversativa *וְכִנּוּ* (“contudo”), no versículo 28, marca o deslocamento do foco da promessa para a dificuldade, revelando onde se concentra a atenção da maioria dos espias²⁰. Conforme observa Pinto, esse relatório constitui o teste final da disposição de Israel em confiar que o Senhor cumpriria suas promessas.²¹

O contraste entre Caleb e os demais espias explicita a divisão entre fé e incredulidade. O discurso de Caleb (Nm 13.30) é marcado por expressões enfáticas que ressaltam tanto o dever de subir quanto a certeza da vitória,²² evidenciando sua convicção e confiança na promessa divina. Em oposição, os demais espias produzem um relatório negativo (Nm 13.31-33), cuja intenção retórica é intimidar o povo e afastá-lo da obediência.²³

A incredulidade atinge seu clímax em Números 14.1-4, quando toda a congregação murmura, expressa desejo de retornar ao Egito e propõe a substituição de Moisés como líder. O verbo *וַיִּמְרְמוּ* (“murmurar”), já carregado de conotação negativa desde Massá e Meribá, estabelece novamente o eixo interpretativo do discurso subsequente. Aqui, a murmuração é mais desenvolvida do que em Êxodo 17, pois inclui a rejeição explícita da liderança estabelecida por Deus e da própria promessa.

A resposta de Josué e Caleb reafirma a centralidade da promessa e da presença de Deus, enquanto a reação do povo revela a profundidade de sua rebelião. Olson destaca que a rebelião de Números 13-14 supera em gravidade outras apostasias do Pentateuco, pois envolve tanto líderes quanto toda a congregação e culmina no plano inaudito de retornar ao Egito.²⁴ Essa progressão narrativa conduz inevitavelmente ao juízo divino.

O pronunciamento do Senhor em Números 14.11-12 introduz a dimensão do juízo, fundamentado não em um ato isolado, mas em um padrão reiterado de

²⁰ WENHAM, Gordon J. *Números: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 125.

²¹ PINTO, Carlos Osvaldo. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento*, p. 146.

²² Cada uma das linhas do discurso de Calebe possui um infinitivo absoluto antes do verbo conjugado de mesma raiz: *עָלֵה נִעְלֵה*, cuja tradução é “certamente subiremos”, e *וַיִּבְרַח נִבְרַח*, “pois seguramente prevaleceremos”. Quando uma expressão é construída dessa forma serve para enfatizar, e geralmente sua tradução será como um advérbio (LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 198).

²³ ASHLEY, Timothy R. *The Book of Numbers*. Grand Rapids: Eerdmans, 1993, p. 242-243.

²⁴ OLSON, Denis T. *Numbers*. Louisville: John Knox, 1996, p. 80-81.

incredulidade. Ao declarar que aquela geração já o havia posto à prova repetidas vezes, Deus jura que nenhum deles entraria na terra prometida. Esse juramento não expressa uma recusa divina ao arrependimento enquanto possibilidade abstrata, mas decorre da constatação narrativa de que aquela geração, à luz de suas ações reiteradas de murmuração e incredulidade, havia persistentemente rejeitado a palavra de Deus, evidenciando a ausência de um arrependimento efetivo.

Assim, Números 13-14 consolida definitivamente o paradigma de desobediência iniciado em Êxodo 17. A incredulidade manifesta-se primeiro na recusa em subir à terra por falta de fé na promessa e, posteriormente, na tentativa presunçosa de subir por falta de fé no juízo. Em ambos os casos, as atitudes do povo revelam um coração que permanece voltado ao Egito, apesar da libertação física. Esses eventos tornam-se referência paradigmática para advertir gerações futuras contra a dureza do coração e a recusa em ouvir a voz de Deus.

1.3 SÍNTESE TEOLÓGICA: DA DESOBEDIÊNCIA AO PARADIGMA DE ADVERTÊNCIA

Os eventos de Êxodo 17.1-7 e Números 13-14 revelam, em conjunto, um padrão recorrente no comportamento de Israel no deserto: a recusa persistente em confiar na palavra e na promessa de Deus, apesar da contínua manifestação de suas obras. Refidim marca um dos primeiros momentos em que essa disposição interior se torna evidente. A expectativa criada pela narrativa é a de que o povo, diante da repetição dos atos salvíficos de Deus, respondesse com fé e obediência. Contudo, a sucessão de murmurações demonstra uma predisposição a um pecado voluntário e irredutível, que se manifesta na desconfiança e na desobediência.

Em Êxodo 17, a figura da rocha assume papel simbólico relevante, representando a fidelidade e a imutabilidade de Deus em contraste com a instabilidade espiritual do povo. A incredulidade ali manifestada não permanece restrita ao episódio, mas é posteriormente mencionada em Deuteronômio 6.16 como paradigma negativo, quando Moisés exorta Israel a não tentar o Senhor como fizeram em Massá. O evento, já no Pentateuco, ultrapassa sua moldura histórica e passa a funcionar como paradigma de advertência.

Essa mesma dinâmica atinge seu ápice narrativo em Números 13-14. O eixo central da tensão nesses capítulos é expresso pelo verbo “subir” (עלה), repetido de forma estratégica ao longo da narrativa. Inicialmente, o verbo descreve a missão dos espias que sobem para examinar a terra prometida (Nm 13.17,21-22). Posteriormente, ele se torna o ponto de conflito entre fé e incredulidade: aqueles que confiam na promessa exortam o povo a subir, enquanto os incrédulos procuram desanimá-lo (Nm 13.30-31). A decisão do povo revela o estado de seus corações, expresso na preferência pelo Egito e na rejeição da liderança estabelecida por Deus (Nm 14.2-4).

Após a declaração do juízo divino, o mesmo verbo reaparece em novo contexto. Agora, quem crê na palavra de Deus exorta a não subir, enquanto os que desconsideram o juízo tentam subir presunçosamente (Nm 14.40-44). Desse modo, a narrativa evidencia que a geração do êxodo peca tanto ao não subir, por falta de fé na promessa, quanto ao subir, por falta de fé no juízo e por autoconfiança. Em ambos os casos, as ações do povo revelam a mesma incredulidade fundamental através da desobediência.

O pronunciamento divino em Números 14 explicita o fundamento do juízo. Ao declarar: “Até quando me provocará este povo, e até quando não crerá em mim?” (Nm 14.11), e ao afirmar que Israel já o havia posto à prova repetidas vezes (Nm 14.22), Deus jura que aquela geração não entraria na terra prometida. O juramento, nesse sentido, não estabelece um princípio de indisposição divina diante do arrependimento, mas explicita um critério teológico segundo o qual a recusa contínua em ouvir a voz de Deus, manifestada em obras, revela a inexistência de um arrependimento genuíno, convertendo o episódio do deserto em desobediência paradigmática. A narrativa, assim, não pretende sondar diretamente o coração humano, algo que pertence exclusivamente a Deus, mas inferir a condição do coração a partir das obras visíveis.

Esse princípio hermenêutico é decisivo: as narrativas do deserto permitem discernir o interior do povo por meio de suas ações. A incredulidade não é tratada como disposição oculta, mas como realidade manifesta na desobediência concreta. Ao mesmo tempo, os textos ressaltam a longanimidade divina. Deus retarda o juízo, oferece múltiplas oportunidades de arrependimento e demonstra paciência contínua. Contudo, como a própria narrativa insiste, já estava provado que aquela geração era incrédula e, conseqüentemente, infiel, e que não responderia com obediência genuína.

A centralidade de Números 13-14 no livro é confirmada também pelo estilo narrativo empregado. Como observa Wenham:

O estilo da narrativa destes capítulos reflete o significado dos acontecimentos que descrevem. A tensa sobriedade que caracteriza grande parte dos Números é abandonada aqui. Os atores falam apaixonadamente e são prolixos a respeito dos assuntos que discutem. Repetição, imagens vivas e ironia deliberada acentuam as cores com que a história é pintada (...). Isso permanece como advertência às gerações subsequentes, para que não ponham o Senhor à prova.²⁵

Essa intensificação estilística não é acidental, mas sinaliza a importância teológica dos acontecimentos narrados.

Ainda no próprio Pentateuco, a história da geração incrédula passa a ser utilizada como advertência. Em Números 32.6-15, Moisés recorre explicitamente ao episódio dos espias para exortar os filhos de Rubem e de Gade a não

²⁵ WENHAM, Gordon J. *Números*, p. 122, tradução minha.

desanimarem o coração de seus irmãos. Segundo Olson, “a lição do passado é então aplicada como um paradigma que interpreta a rebelião potencial da nova geração”.²⁶ Posteriormente, após os quarenta anos no deserto, Moisés volta a utilizar esses acontecimentos como fundamento exortativo em Deuteronômio (p. Êx., Dt 1.19-46; 6.16; 8.2-6; 9.7-24; 32.8-18), advertindo a nova geração à obediência.

Essa recepção canônica demonstra que Êxodo 17 e Números 13-14 já funcionam, dentro do próprio Pentateuco, como paradigma de advertência. House identifica três estratégias interpretativas pelas quais esses episódios são reutilizados no cânon: textos que descrevem a incredulidade e a revolta contra o Senhor; passagens que ressaltam a ingratidão de Israel diante da provisão divina; e, finalmente, textos que empregam esses acontecimentos para advertir contra a repetição da desobediência.²⁷ É essa última estratégia que se torna central para o presente estudo ao analisar o Salmo 95 a seguir.

2. O SALMO 95 COMO RELEITURA TEOLÓGICA DO DESERTO

O Salmo 95 ocupa lugar singular nesse processo de releitura, pois incorpora a memória do deserto em um texto poético e litúrgico, destinado não apenas à memória do passado, mas à exortação da comunidade no presente. Essa função exortativa é reforçada por seu uso recorrente como convite litúrgico, especialmente no início do sábado, no qual o chamado à adoração é imediatamente acompanhado da advertência à escuta obediente da voz de Deus.²⁸

Diferentemente das narrativas históricas, o salmo não reconstrói os eventos de forma sequencial, mas os condensa e reorganiza teologicamente, convertendo-os em advertência dirigida a cada nova geração. Essa releitura teológica do deserto se torna visível, em primeiro lugar, na própria organização literária do Salmo 95, cuja estrutura articula louvor e advertência de modo a preparar a atualização exortativa da memória do passado.

2.1 ESTRUTURA E FUNÇÃO EXORTATIVA DO SALMO 95

O Salmo 95 apresenta uma composição literária marcada por duas partes claramente distinguíveis e, ao mesmo tempo, organicamente integradas. A primeira parte (v. 1-7c) constitui um chamado à adoração, enquanto a segunda (v. 7d-11)²⁹ assume a forma de uma advertência explícita à obediência. Essa divisão

²⁶ OLSON, Denis T. *The death of the old and the birth of the new*, p. 142, tradução minha.

²⁷ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005, p. 203-204.

²⁸ COHEN, A. *The Psalms*. Londres: Soncino Press, 1992, p. 312; CALVINO, João. *O livro dos Salmos*. v. 3. São Paulo: Paracletos, 2002, p.499; TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*. Nashville: Thomas Nelson, 1990, p. 501.

²⁹ Por uma questão didática, o versículo 7 é dividido em quatro partes: 1. “Ele é o nosso Deus”; 2. “e nós, povo do seu pasto”; 3. “e ovelhas de sua mão”; 4. “Hoje, se ouvirdes a sua voz,”.

não indica justaposição artificial de materiais, mas revela uma progressão interna na qual o convite jubiloso ao culto prepara e fundamenta a exortação subsequente.

A primeira seção do salmo organiza-se em torno de dois tópicos exortativos, ambos regidos por imperativos e seguidos por motivações introduzidas pela partícula וַי (v. 3 e 7). O primeiro imperativo (וּבֹאוּ, “vinde”, v. 1-5) convoca a comunidade a celebrar Yahweh como grande Deus e grande Rei, fundamentando o louvor nas obras da criação. O segundo (וּבְרָאוֹת, “entrai”, v. 6-7c) aprofunda esse movimento ao convocar os adoradores à prostração diante de Deus como Criador e Pastor, agora com base nas obras da redenção. A designação de Deus como “rocha da nossa salvação” (v. 1) reforça essa dimensão redentiva, evocando sua fidelidade e ação salvadora na experiência do êxodo, especialmente no contexto das tradições associadas ao deserto.³⁰ Assim, a adoração é apresentada como resposta consciente às ações históricas de Deus em favor do seu povo.

A confissão de que o Senhor é “o nosso Deus” e de que Israel é “povo do seu pasto e ovelhas da sua mão” (v. 7c) estabelece o vínculo pactual que sustenta todo o salmo. Essa linguagem de pastoreio pressupõe cuidado contínuo, direção segura e proximidade relacional, criando a expectativa natural de que o rebanho ouça e atenda à voz do pastor. A imagem do pastoreio, aqui, ultrapassa o cuidado pastoral e aponta para a ação redentiva de Deus, que conduz e liberta o seu povo desde o êxodo.³¹ É precisamente nesse ponto que ocorre a transição para a segunda parte do salmo.

A partir de 7d, o tom muda de forma abrupta e intencional. A expressão “Hoje, se ouvirdes a sua voz” introduz uma exortação que interrompe o fluxo do louvor para chamar a atenção da comunidade. Essa mudança não rompe a unidade do salmo, mas intensifica sua finalidade pedagógica, pois a seção final assume a forma de um oráculo divino pronunciado no contexto do culto, no qual o próprio Deus passa a interpelar diretamente a congregação, exigindo uma resposta imediata de escuta e obediência.³²

A advertência é regida pelo imperativo negativo אַל-תִּקְשׁוּ (“não endureçais”), e o conteúdo exortativo é fundamentado na memória do deserto, especialmente nos episódios de Massá e Meribá. O salmista não descreve esses eventos em detalhes, mas os utiliza como referências paradigmáticas conhecidas da tradição de Israel. A evocação do deserto funciona, assim, como advertência contra a repetição da desobediência, não como simples recordação histórica.

³⁰ VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação*. v. 3. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. p. 195-196.

³¹ ENNS, Peter E. Creation and re-creation: Psalm 95 and its interpretation in Hebrews 3:1-4:13. *Westminster Theological Journal*, v. 55, p. 255-280, 1993.

³² LONGMAN III, Tremper. *Psalms: An Introduction and Commentary*. In: FIRTH, David G. (org.). *The Tyndale Old Testament Commentaries*, v. 15-16. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2014, p. 340-341.

Do ponto de vista textual, a ligação entre 7d e 8 é decisiva para a compreensão da estrutura do salmo. Embora a posição sintática da expressão “Hoje, se ouvirdes a sua voz” tenha sido discutida pelos intérpretes³³, a leitura que a vincula diretamente à advertência subsequente preserva a progressão literária do salmo e reforça sua função exortativa no presente. A leitura que associa “Hoje, se ouvirdes a sua voz” à advertência subsequente, e não à sentença anterior, preserva a unidade sintática e semântica do texto, além de reforçar o contraste entre o presente da exortação e o passado da desobediência. Dessa forma, o “hoje” é colocado em oposição ao “dia de Massá”, destacando a oportunidade atual de resposta obediente.

A estrutura paralelística dos versículos 7-8 reforça essa transição. O primeiro trio de versetes (Ele é o nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas de sua mão”, v. 7a-c) encerra a convocação à adoração, enquanto o segundo (Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração, como em Meribá, como no dia de Massá, no deserto”, v. 7d-8b) inaugura a exortação. Essa disposição confirma que o salmo foi cuidadosamente elaborado para conduzir o adorador do louvor à escuta responsável da voz de Deus. O endurecimento do coração, mencionado explicitamente na advertência, não é tratado como atitude interior abstrata, mas como disposição revelada em ações concretas de desobediência, conforme demonstram os episódios do deserto.

Os versículos 9 a 11 ampliam a advertência ao recordar que a geração do êxodo testou a Deus apesar de ter visto suas obras. O juízo final, expresso no juramento de que aquela geração não entraria no descanso, confere seriedade máxima à exortação e estabelece o vínculo entre ouvir a voz de Deus e participar de suas promessas.

Desse modo, a estrutura do Salmo 95 revela sua função litúrgica e pedagógica. No contexto do culto, o salmo não apenas convoca à adoração, mas confronta o adorador com a exigência de fidelidade. O louvor inicial fundamenta a autoridade da advertência, e a memória do deserto transforma-se em instrumento formativo para a comunidade. O salmo ensina que a verdadeira adoração envolve, além dos cânticos e ritos, um coração disposto a ouvir e obedecer à voz de Deus.

A articulação entre louvor e advertência, portanto, tanto define a forma do salmo, quanto cria o espaço teológico no qual a memória do deserto pode ser

³³ Calvino segue a posição dos expositores hebreus, ou seja, que 7d deve ser lido com a sentença anterior (CALVINO, João. *O livro dos Salmos*, p.503-504). Tate também entende que דַּן “deve ser lido no sentido optativo,” (TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*, p. 497) o que necessariamente faria que o sentido de שמע (ouvir) fosse obedecer, como é defendido por Kidner (KIDNER, Derek. *Salmos 73-150: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão e Vida Nova, 1981, p. 366). Delitzsch, da mesma forma, afirma que se תשמעו significa ouvir obedientemente, a oração não pode ser condicional ao que segue (KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. v. 5. Peabody: Hendrickson, 1996, p. 620).

atualizada e dirigida à comunidade no presente, especialmente por meio da categoria do “hoje”.³⁴

2.2 “HOJE, SE OUVIRDES A SUA VOZ”: MEMÓRIA E ATUALIZAÇÃO DO PASSADO

A advertência introduzida no Salmo 95 por meio da expressão “Hoje, se ouvirdes a sua voz” (v. 7d) constitui o eixo teológico que permite a atualização da memória do deserto no contexto da adoração. O advérbio “hoje” funciona como categoria hermenêutica, e não como mera indicação temporal; é essa função hermenêutica que desloca os eventos de Massá e Meribá do passado histórico para o presente da comunidade cultural. A posição inicial da expressão הַיּוֹם (hoje) confere proeminência ao presente como momento decisivo da exortação, indicando que o chamado à obediência se dirige de modo crítico e imediato à comunidade que ouve a voz de Deus.³⁵ Esse uso do termo retoma o padrão exortativo característico de Deuteronomio, no qual oráculos são introduzidos por הַיּוֹם a fim de atualizar a exigência da aliança para o presente da audiência.³⁶ Não por acaso, em Deuteronomio הַיּוֹם ocorre de forma recorrente, sublinhando a centralidade do “hoje” como categoria determinante para o relacionamento entre Deus e o seu povo.³⁷ Dessa forma, o salmo conduz o adorador a recordar acontecimentos antigos e a reconhecer-se como destinatário direto da advertência divina.

A escolha desse termo cria uma tensão deliberada entre passado e presente. Ao mencionar Massá e Meribá, o salmista pressupõe o conhecimento da tradição do deserto, mas evita qualquer detalhamento narrativo. O foco não está na reconstrução histórica dos eventos, mas em sua função paradigmática. O “hoje” estabelece que a possibilidade de endurecer o coração não pertence apenas à geração do êxodo, mas permanece aberta a cada nova geração que se coloca diante da voz de Deus no culto.

Essa atualização da memória por meio da categoria do “hoje” encontra paralelo direto no livro de Deuteronomio, onde o termo é empregado de forma recorrente para confrontar a segunda geração do deserto com a possibilidade real de repetir os pecados de seus pais. Ao declarar que a aliança feita em Horebe é válida “conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos”, Moisés desloca deliberadamente o evento fundacional para o presente da nova geração, atribuindo-lhe responsabilidade plena diante da palavra de Deus (Dt 5.1-3). De modo semelhante, a advertência para não tentar o Senhor “como o tentastes em

³⁴ Uma descrição semelhante da progressão interna do Salmo 95, destacando o movimento do convite ao louvor para a advertência dirigida à comunidade no presente, pode ser encontrada em James M. Hamilton Jr., *Psalms*, org. T. Desmond Alexander et al., *Evangelical Biblical Theology Commentary*, vol. 2 (Bellingham, WA: Lexham Academic, 2021), 182-188.

³⁵ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. v. 5, p. 620.

³⁶ TUCKER JR., W. Dennis. Psalm 95, p. 538.; cf. TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*, p. 502.

³⁷ TUCKER JR., W. Dennis. Psalm 95, p. 538, nota 25.

Massá” transforma um episódio específico do passado em norma exortativa aplicável ao presente (Dt 6.16). Nesses textos, o “hoje” não funciona como simples marcador temporal, mas como categoria teológica que atualiza a advertência do deserto e impede que a desobediência seja tratada como falha restrita a uma geração anterior. Assim, Deuteronômio estabelece um padrão hermenêutico no qual a memória do deserto é continuamente retomada para exigir obediência no presente, padrão que o Salmo 95 herda e intensifica em seu contexto litúrgico.

Nessa perspectiva, a advertência do Salmo 95 pressupõe que a revelação divina, não limitada ao passado, continua a interpelar o povo no presente. O salmo articula, assim, uma compreensão dinâmica da tradição: aquilo que Deus disse e fez anteriormente continua válido e eficaz enquanto palavra dirigida ao seu povo. A advertência é, portanto, prospectiva. O passado é evocado precisamente para moldar a resposta presente.

O endurecimento do coração, mencionado na exortação, não é tratado como atitude interior abstrata ou meramente psicológica. À luz das narrativas do deserto, trata-se de uma disposição que se manifesta em ações concretas de desobediência. O “hoje” do salmo convoca o adorador a romper com esse padrão, ouvindo a voz de Deus de maneira responsiva e obediente. A memória do fracasso anterior funciona como advertência pedagógica.

A expressão “se ouvirdes a sua voz” reforça essa dimensão relacional. Ouvir, no contexto bíblico, não se restringe à percepção auditiva, mas envolve acolhimento, submissão e prática. O salmo pressupõe que Deus continua a falar, especialmente no contexto do culto, e que a resposta adequada à adoração é a obediência. Assim, a escuta da voz divina torna-se o critério que distingue a verdadeira adoração da mera formalidade religiosa.

Ao empregar o “hoje” como categoria teológica, o Salmo 95 transforma a liturgia em espaço de decisão, no qual a experiência do deserto passa a funcionar como referência normativa para a resposta da comunidade. Cada ato de culto torna-se ocasião para responder à palavra de Deus de modo fiel ou para repetir o erro da geração do deserto. O salmo, portanto, em vez de permitir uma leitura distanciada ou neutra da história, exige posicionamento.

Essa dinâmica revela o caráter pastoral da advertência, cujo objetivo é prevenir. Ao atualizar o passado, o salmista oferece à comunidade a possibilidade de aprender com a história e evitar a repetição da desobediência. O “hoje” preserva a seriedade do juízo divino e mantém aberta a oportunidade de uma resposta obediente, desde que a voz de Deus seja ouvida e acolhida.

Dessa forma, o Salmo 95 articula uma compreensão da memória que vai além da recordação ritual. A história do deserto é reinterpretada como advertência viva, continuamente dirigida ao povo de Deus. O “hoje” assegura que o passado permanece relevante e que a obediência exigida no deserto continua sendo exigida no presente da comunidade que adora.

2.3 DO EVENTO AO PARADIGMA: O DESERTO COMO ADVERTÊNCIA PERMANENTE

Ao retomar os episódios de Massá e Meribá, o Salmo 95 realiza um movimento de transformar eventos históricos específicos em um modelo interpretativo duradouro. O deserto deixa de ser apenas o cenário de uma geração passada e passa a funcionar como símbolo permanente da resistência humana à voz de Deus. Esse deslocamento do evento para o paradigma é fundamental para compreender a função exortativa do salmo no interior do Saltério.

A referência a Massá e Meribá pressupõe todo o conjunto de episódios marcados pela murmuração, pela incredulidade e pela recusa em confiar na palavra de Deus, sem carecer de seus detalhes,³⁸ com interesse na atitude que tais eventos revelam. A maneira correta de compreender o texto é reconhecer que os termos 'Massá' e 'Meribá' funcionam como sinédoque, representando, por meio de episódios específicos, todo o período de desobediência no deserto, incluindo a tradição associada a Números 14 e a referência aos quarenta anos como síntese desse processo histórico-teológico.³⁹ O passado é, assim, deliberadamente condensado pelo salmista, não com finalidade historiográfica, mas exortativa, de modo que o foco recai sobre a incredulidade persistente revelada nesses eventos e sobre sua permanente possibilidade de repetição.

Esse procedimento está em continuidade com o uso paradigmático dessas narrativas já observado no próprio Pentateuco, especialmente em Deuteronomio, onde a memória do deserto é reiteradamente mobilizada como advertência à obediência.

Nesse mesmo movimento, essa releitura não se limita ao nível temático, mas se manifesta também por meio de paralelos verbais que conectam diretamente o Salmo 95 às narrativas do deserto.⁴⁰ Expressões como “ouvir a voz” (Sl 95.7d; Êx 15.16; Nm 14.22; Dt 1.43; 9.23), “endurecer o coração” (Sl 95.8; Êx 7-11; Nm 14.9-11; D 10.16), “tentar o Senhor” (Sl 95.9; Êx 17.2,7; Nm 14.22; Dt 6.16), “ver as suas obras” (Sl 95.9; Êx 14.31; Nm 14.22; Dt 11.7), “quarenta anos” (Sl 95.10; Nm 14.33-34; 32.13; Dt 2.7; 8.2; 29.5) e “não entrar no descanso” (Sl 95.11; Dt 12.9; cf. Nm 14.23; Dt 1.35) retomam categorias centrais do diagnóstico pentateucal da desobediência no deserto, agora condensadas em forma exortativa. Ao recorrer a esse vocabulário já consagrado pela tradição, o salmista não apenas evoca os eventos passados, mas reativa o seu significado teológico, reforçando que a resistência à voz de Deus continua a se manifestar segundo os mesmos padrões fundamentais.

Nesse processo, o deserto assume valor simbólico. Ele representa o espaço no qual a fidelidade divina se manifesta de forma contínua e, ao mesmo tempo, o

³⁸ KIDNER, Derek. *Salmos 73-150*, p. 366-367; TATE, Marvin E. *Psalms 51-100*, 1990, p. 502.

³⁹ LONGMAN III, Tremper. *Psalms: An Introduction and Commentary*. In: FIRTH, David G. (org.). *The Tyndale Old Testament Commentaries*, v. 15-16. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2014, p. 339-340

⁴⁰ Termos recorrentes intertextuais: Massá (מָסָא) e Meribá (מֵרִיבָה) em Êx 17.7; Sl 95.8. Ainda no Pentateuco, em referência a tais episódios: Dt 9.22; 33.8. נָסָה (testar, tentar).

lugar onde a resposta humana falha repetidamente. Ao empregar o deserto como advertência, o Salmo 95 universaliza a experiência da geração do êxodo, afirmando implicitamente que a mesma disposição de incredulidade pode reaparecer em qualquer tempo e contexto, inclusive no ambiente do culto. Trata-se, portanto, de um movimento hermenêutico já legitimado no próprio Antigo Testamento, no qual eventos fundadores são reinterpretados à luz de novas situações históricas.

A advertência do salmo não se dirige a um povo distante no tempo, mas à comunidade que canta e ouve o texto no presente. Ao integrar a memória do deserto à liturgia, o salmista impede que a história seja tratada como algo superado ou irrelevante. O paradigma de advertência permanece ativo enquanto houver a possibilidade de ouvir a voz de Deus e, ainda assim, endurecer o coração. Dessa forma, o passado torna-se critério de discernimento para o presente.

O juramento divino de que aquela geração não entrou no descanso confere peso teológico à advertência. O descanso, embora relacionado historicamente à entrada na terra, adquire no salmo um sentido ampliado, associado à participação nas promessas de Deus. A exclusão da geração incrédula, como um dado histórico, funciona como sinal de que a recusa persistente em ouvir a voz divina produz consequências reais e definitivas. Nesse sentido, o paradigma, além de pedagógico, é também judicial, reforçando a seriedade da exortação.

Ao transformar o deserto em advertência permanente, o Salmo 95 estabelece uma lógica teológica na qual a obediência é inseparável da escuta. O problema central não é a ausência de sinais ou de obras divinas, pois o texto enfatiza que a geração do êxodo viu as ações de Deus. O fracasso reside na incapacidade de responder a essas obras com fé e submissão. Assim, o endurecimento do coração revela-se como resistência ativa à revelação, e não simples ignorância,⁴¹ conforme já indicado pelas narrativas fundadoras do deserto.

Essa releitura teológica insere-se, portanto, em um movimento canônico mais amplo, no qual os eventos do deserto são retomados como advertência deliberadamente pedagógica. Quando evocadas em contextos exortativos, essas tradições passam a ser narradas com maior intensidade retórica, recorrendo à repetição, a imagens vívidas e a contrastes marcantes, justamente para acentuar seu caráter paradigmático. O objetivo desse procedimento não é reconstruir o passado com exatidão historiográfica, mas tornar a advertência inescapável para

⁴¹ O verbo “conhecer”, no contexto da advertência do Salmo 95, não expressa mera ausência de informação, mas recusa relacional e ética. Trata-se de um “não conhecer” que implica rejeição deliberada da vontade de Deus, conforme evidenciado pelo comportamento reiterado de desobediência da geração do deserto. Essa leitura entende o conhecimento como categoria volitiva e prática, não apenas cognitiva (cf. SCHMITZ, E. D. Gnosko. In: BROWN, Colin (ed.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989. v. 1, p. 475.).

gerações posteriores, prevenindo-as contra a repetição da incredulidade que marcou a geração do êxodo.

Desse modo, o Salmo 95 conclui o percurso iniciado nos relatos do deserto ao afirmar que a memória de Massá e Meribá permanece relevante enquanto houver um “hoje” no qual a voz de Deus possa ser ouvida. O deserto torna-se paradigma de advertência permanente da possibilidade de resistência à palavra divina e, simultaneamente, chamado contínuo à obediência. A advertência do salmo visa convocar a comunidade a uma resposta fiel no presente, rompendo conscientemente com o padrão de desobediência que marcou a geração do êxodo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que o Salmo 95 relê os eventos do deserto como um padrão de desobediência, convertendo a experiência de Massá, Meribá e da geração incrédula em paradigma de advertência dirigido a cada nova geração que se coloca diante da voz de Deus.

O ganho teológico dessa leitura consiste em evidenciar que, no interior do próprio Antigo Testamento, a memória do deserto é progressivamente deslocada do âmbito narrativo, passando para a exortação ainda no Pentateuco e desembocando no espaço litúrgico, onde a adoração se torna inseparável da escuta obediente. Ao articular louvor e advertência, o Salmo 95 mostra que a verdadeira resposta cultural não se esgota no reconhecimento das obras divinas, mas exige uma disposição concreta de obediência no presente. Essa configuração do deserto como advertência aberta ao presente cria as condições para que o salmo seja posteriormente retomado e reinterpretado em novos horizontes canônicos, nos quais seu alcance exortativo é novamente ampliado.

Nesse horizonte canônico mais amplo, a presença do Salmo 95 na carta aos Hebreus indica que essa releitura canônica da experiência do deserto ultrapassa os limites do Antigo Testamento e é retomada no Novo Testamento à luz da revelação em Cristo, para quem o “descanso” passa a assumir significado escatológico pleno. Esse uso do salmo em Hebreus mostra que o paradigma de advertência ali formulado continua operante na tradição cristã, sendo empregado de modo explícito na exortação pastoral da carta e, de forma implícita, por meio de ecos intertextuais em seções posteriores. A análise desses movimentos de recepção e desenvolvimento canônico constitui o passo seguinte da presente pesquisa, e será tratada de modo específico em estudo próprio.

ABSTRACT: This article investigates the theological rereading of the wilderness events in Psalm 95, with special attention to the accounts of Massah and Meribah (Exod 17) and the crisis of unbelief narrated in Numbers 13-14. It proceeds from the assumption that these events do not constitute isolated failures in Israel's

history, but rather become a pattern of disobedience and give rise to a paradigm of warning progressively consolidated within the Pentateuch. The analysis demonstrates that this pattern is already employed in an exhortative manner in Deuteronomy, especially through the category of “today,” which actualizes the wilderness disobedience as a warning for a new generation. Within this canonical horizon, Psalm 95 assumes a distinctive role by incorporating the memory of the wilderness into a poetic and liturgical text. Through its structure, which brings together praise and warning, the psalm reorganizes historical events for a pedagogical purpose, displacing them from the narrative past to the present of the worshiping community. The “today” thus emerges as a central hermeneutical category, transforming the liturgy into a space of decision and confronting each generation with the real possibility of either repeating or breaking with the pattern of wilderness disobedience. It is therefore argued that Psalm 95 not only recalls the past but converts it into a permanent warning. The wilderness comes to function as a lasting theological paradigm, in which the obedient hearing of God’s voice is presented as an indispensable condition for participation in his promises. This rereading highlights the formative function of memory in the Old Testament and contributes to an integrated understanding of wilderness theology within the Hebrew canon.

KEYWORDS: Psalm 95; wilderness; memory; warning; obedience.